

Brasília,
aos 33 anos,
ganha sua
Lei Orgânica



IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956/ 91
ECT/ CÂMARA LEGISLATIVA DF
UP: AC/ CÂMARA LEGISLATIVA

L • E • T • U • R • A • S

ESPECIAL



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

ANO, I, nº 05 Brasília, 21 de abril de 1993

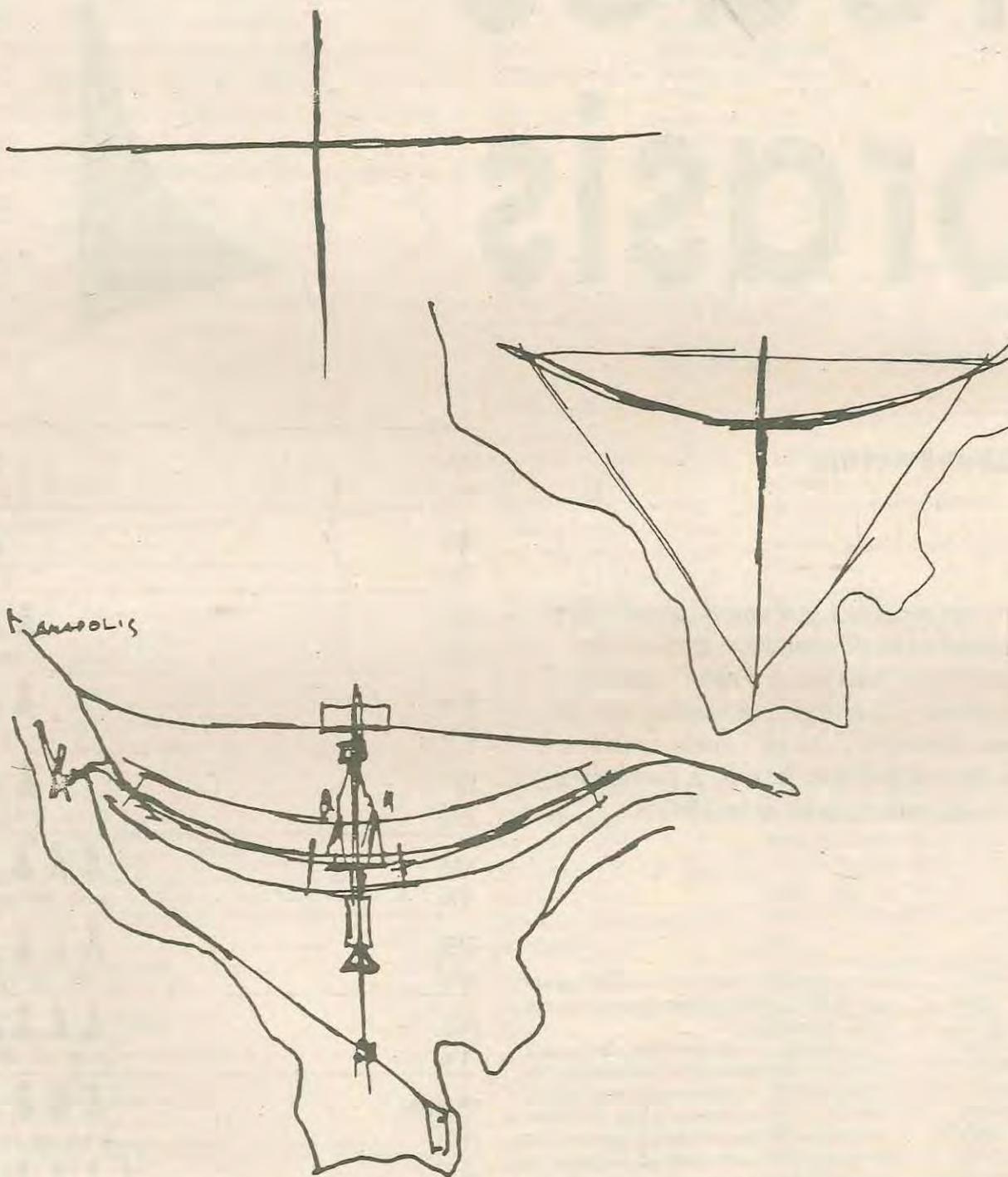
Sonho e realidade na terra escolhida para ser capital

Lúcio Costa não desconhecia a realidade política brasileira, mas é inegável a presença de componentes utópicos em seu discurso. Brasília, assim, nasceu do encontro do sonho com a realidade, da concepção universalista de seus idealizadores com a brasilidade crua e nua de seus milhares de construtores, transformando-se, desde o início, numa cidade ímpar no mundo, no símbolo das contradições de um imenso país.

LUÍS CARLOS LOPES

Universidade De Brasília

"O simples fato de Brasília existir é uma coisa esplêndida"
L. Costa



"Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz".

Lucio Costa

Ao se definir pela transferência da capital, Juscelino Kubitschek tinha um problema: quem iria construir uma cidade que estivesse à altura das propostas de modernização que caracterizavam o seu programa de governo? Quem poderia adaptar o Projeto Brasília à idéia de fazer 50 anos em cinco, naquilo que chamaria de "meta-síntese"? Quem era confiável, sob o ponto de vista técnico, político e pessoal, para realizar um empreendimento de tal vulto? Ao que parece, Juscelino percebia que, se falhasse, colocaria a perder todo o seu projeto político. Havia descoberto, durante a campanha eleitoral, que a transferência da capital era uma bandeira que uniria a maior parte do país, mais eficaz do que as outras que alardeara no Plano de Metas. Cercou-se de todos os cuidados para que não houvesse surpresas desagradáveis. Seguindo o estilo brasileiro de governar, buscou, em Minas, Israel Pinheiro, para dirigir a Novacap. No Rio de Janeiro, procurou Oscar Niemeyer e lhe ofereceu a missão. Segundo o arquiteto: "terminada Pampulha, e este período que eu continuei em contato com o Juscelino, caminhamos sempre juntos, ele sempre me convocando quando eu precisava e eu tive que... ele foi me procurar em minha casa para fazer Brasília: "Ah, Oscar! Eu desci com ele e ele disse: "Tô louco para começar Brasília."

Logo uma semana depois eu fui com ele, o Lott, os ministros para visitar o local (no dia 2 de outubro de 1956).

Confesso que eu fiquei assim... muito... surpreso, que era longe demais, não é? A gente ia de DC-3, não é? Tanto que levava três horas para chegar lá e era um

descampado, uma terra hostil, vazia, não tinha nada. De modo que ele me disse: "Olha, conto com você.

Vamos tocar isso para frente de qualquer maneira". E eu, um mês depois, já tinha organizado a minha equipe e me ensiei lá naquele fim de mundo, não é? Então foram três anos assim de trabalho em Brasília, sem arredar o pé de lá." (63)

Niemeyer aceitou o desafio sob certas condições. A principal delas foi a realização de um concurso nacional, com um júri internacional, que definisse um Plano Piloto para a nova capital. Seguiu os preceitos da experiência mundial do modernismo, a idéia de planejamento socialista e se postava como membro do movimento dos arquitetos brasileiros.

O concurso nacional do Plano Piloto da nova capital do Brasil foi lançado, através de edital publicado em 30 de setembro de 1956, sob a responsabilidade da Comissão de Planejamento e Mudança da Capital Federal. (64) Ao proceder desta forma, o governo buscava a legitimação, junto à comunidade de arquitetos, de sua decisão política de construir e transferir sua sede para o

Planalto Central. Seguiu uma tradição preexistente no Brasil e no exterior. O concurso servia também à publicidade nacional e internacional dos propósitos de Juscelino. Outras medidas acompanhavam o evento. A mais importante de todas, a criação, oito dias antes, da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil. (65).

O edital que estabeleceu as regras para os projetos que participariam

do certame fixou o prazo de 120 dias (66), a partir da data das inscrições, para a entrega final dos trabalhos. Era obrigatória a apresentação do "traçado básico da cidade" e de um "relatório justificativo". Abriu-se o concurso somente para arquitetos, engenheiros ou urbanistas — pessoas físicas ou jurídicas — domiciliadas no país e registradas no Conselho Federal de Engenharia e

Arquitetura da época. Vedou-se qualquer possibilidade de um concurso internacional. O júri previsto deveria ser formado por dois representantes da recém-criada Novacap, um do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e dois urbanistas estrangeiros a serem convidados. Foram estabelecidos os prêmios de um milhão de cruzeiros para o primeiro lugar, 500.000 para

o segundo, 400.000 para o terceiro, 300.000 para o quarto e 200.000 para o quinto. Na época, excelentes valores. (67)

O artigo de número 15 do edital gerou dúvidas para alguns concorrentes. Ele estabelecia que deveria haver perfeito acordo entre a Novacap e o ganhador do prêmio para que o seu projeto fosse implementado. Israel Pinheiro —

presidente da Novacap — enviou carta, datada de 16 de outubro, a Ernesto Silva — presidente da Comissão de Planejamento e Mudança da Capital Federal — reiterando os termos do mesmo artigo, apesar da nova redação. A Novacap resguardou-se de ser obrigada a desenvolver um projeto que não viesse de encontro com as premissas de sua direção.

No mesmo período, Oscar Niemeyer escreveu ao presidente do IAB — Ary Garcia Rosa —, esclarecendo que predominavam, no sítio escolhido, os ventos leste.

Informou sobre a previsão de construção de um estrada de ferro que ligaria Anápolis a Vianópolis, cidades goianas, à nova capital e outra, de rodagem, realizando esta ligação. Explicou que já havia uma planta do sítio à disposição dos concorrentes, estabelecendo a construção de uma represa, um hotel, o palácio presidencial e um aeroporto. Ainda, segundo

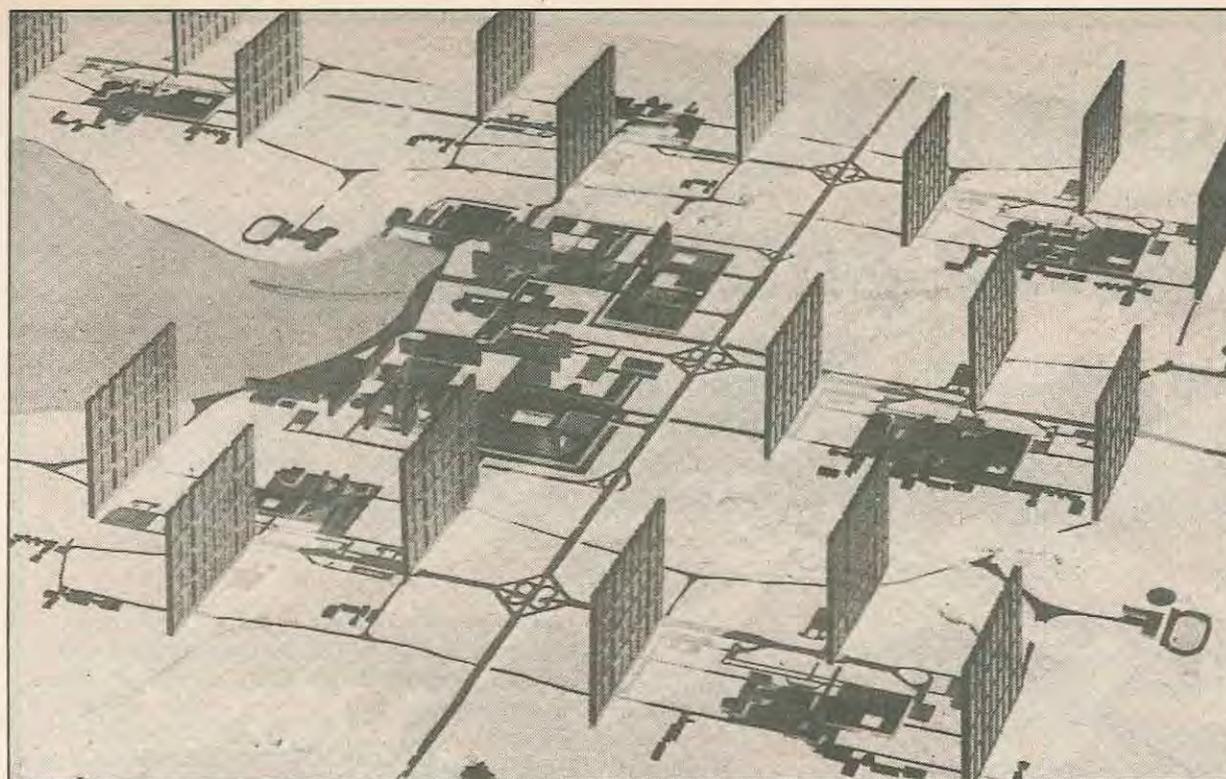
Niemeyer, não haveria mudanças na organização ministerial existente e a cidade deveria ser pensada com um desenvolvimento limitado de atividades industriais e agrícolas. Informou que já estavam sendo construídos o hotel, o palácio e as instalações da Novacap. A população prevista para a cidade não deveria superar o número de meio milhão de habitantes.

Forneceu algumas outras indicações técnicas para os concorrentes. Note-se que na posição de diretor do Departamento de Urbanismo e Arquitetura, Niemeyer já possuía uma concepção parcial e provisória da cidade a ser construída. (68) O projeto ganhador deveria estar afinado com suas premissas.

A idéia do concurso público foi muito bem recebida pelos profissionais da área.

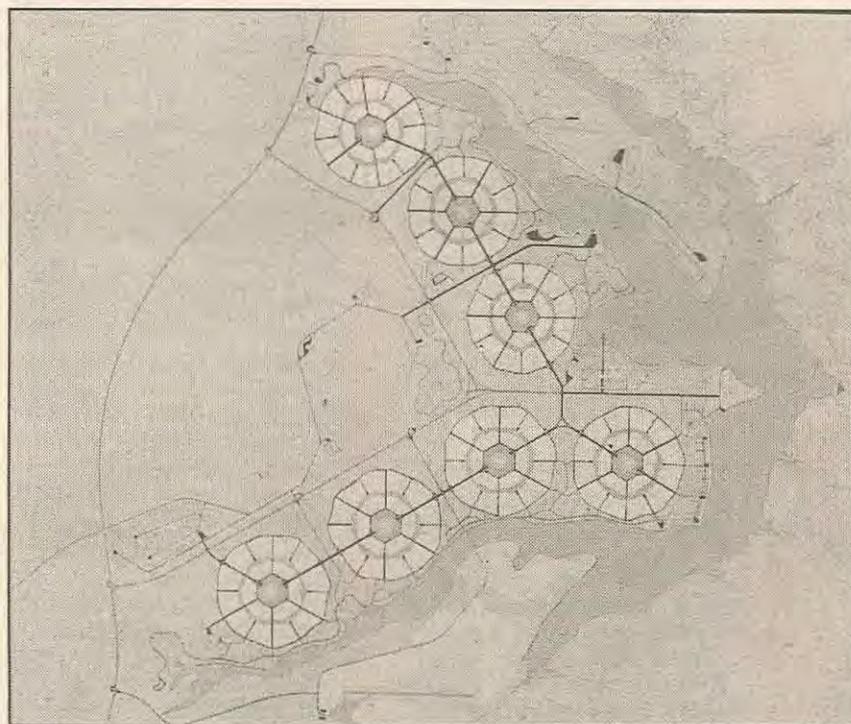
Registraram-se 62 inscrições e 26 projetos foram apresentados. Dos que efetivamente concorreram, sete foram propostas de equipes, dois eram de empresas e as demais, de caráter individual, com propostas formuladas por profissionais autônomos ou ligados a construtoras. Participaram do evento 28 arquitetos, quatro engenheiros, dois engenheiros-arquitetos, um sociólogo, três que não declararam suas profissões ou não foi possível identificá-las e duas firmas de engenharia (69). Possivelmente mais de 50 profissionais estiveram envolvidos (70).

De modo geral, segundo os dados disponíveis, os planos apresentados tinham fundamento na escola modernista. O concurso demonstrava a imensa influência desta corrente no Brasil. Os princípios de Le Corbusier, Walter Gropius, Mies van der Rohe et alii estavam contemplados em



... Em junho de 1958, começamos a sentir a conveniência de mudar para Brasília, a fim de dar fiscalização direta às construções em andamento e ao trabalho, inclusive aos novos projetos, o ritmo contínuo e acelerado que somente um regime de tempo integral poderia garantir.

Oscar Niemeyer



Mário Wagner Vieira da Cunha e Paulo de Camargo e Almeida e a chefiada por Milton C. Ghiraldini, que representava a Construtécnica S. A. Comercial e Construtora. A comissão julgadora, formada basicamente por arquitetos, não premiou nenhum engenheiro. Entre os vencedores, somente Mário Wagner não tinha a mesma profissão. Era sociólogo. Como se pode constatar, o júri aumentou o número de premiáveis, previstos no edital, de cinco para sete. (78)

Depreende-se da leitura das duas únicas atas do concurso que William Holford teve papel proeminente nos acontecimentos. O mesmo pode-se dizer de Paulo Antunes Ribeiro. O julgamento procedeu-se de forma rápida. O representante do IAB contabilizou dois dias e meio, fato contestado pelos outros membros. A sua postura teria sido derivada de uma concepção corporativa? Teria ele, na sua posição de líder profissional, defendido um espaço

maior para os sócios do IAB? Em nenhum momento Paulo Antunes questionou o valor dos projetos escolhidos e nem objetou contra os seus fundamentos. E os demais? Teriam escolhido o projeto de Lúcio Costa pelo seu papel anterior e sua postura, reconhecida internacionalmente, de "maquis" da nova arquitetura? A sua vinculação com o governo (79), a sua condição de carioca, o seu trânsito no exterior, etc. teriam pesado na escolha? Nada disto é encontrável, de forma explícita nas atas e em outros documentos da época. As críticas de vários arquitetos aos resultados do concurso foram também documentadas por Yves Bruand. (80)

O fato é que Lúcio Costa já era, no Brasil, naquele momento, ao lado de Niemeyer, um dos principais representantes do denominado "estilo internacional". Ambos já haviam trabalhado juntos e tinham projetos consagrados no país e no

exterior. Nenhum dos demais concorrentes gozava da mesma reputação e possuía o mesmo círculo. Ary Garcia Roza, na época presidente do IAB, explicou que: "O concurso não tinha uma metodologia... é... normalmente nos trabalhos desse grupo, por assim dizer. Não havia uma documentação preliminar de dados, não havia uma... diretriz específica sobre a futura capital. Então, se trabalhava mais na questão de idéias. Veja bem, eu que participei de vários juris de concurso: existem duas fases do concurso quando se aprecia. Uma é aquele impacto inicial que você sente a síntese da concepção, conhece o programa e vê a síntese da concepção; e a outra parte é a análise quando há dúvidas sobre um ou dois elementos, você entra em detalhes sobre valores que... que juntos ganhavam de outros. Realmente o trabalho do Lúcio pela sua simplicidade, pela sua, sua, digamos assim, pureza de apresentação, o que interessava era, era o produto, o resultado e não o material que ele apresentava nem a própria metodologia. Isso foi que, de uma certa forma, o Paulo Antunes se... seguiu. Ele exigiu muita disciplina nesse trabalho. (81)

Em entrevista dada ao Arquivo Público do Distrito Federal, o vencedor atribuiu a Holford a sua vitória. Disse que o inglês teria lido três vezes o seu texto até pronunciar a expressão: "I enjoyed it". Segundo Lúcio Costa, foi ele "que comandou, praticamente, a solução, a votação, ele que escolheu." (82)

O arquiteto brasileiro nunca recebeu o prêmio em dinheiro que lhe foi conferido. Depois da inauguração de Brasília, em 1960, foi buscar o dinheiro. O valor havia se depreciado com a elevada inflação do período. Tentou fazer com que o governo o corrigisse. Não conseguiu. Por isto, afirmou que: "O prêmio... esvaneceu" (83)

Brasília talvez seja a única cidade do planeta que foi integralmente planejada dentro dos princípios da

Carta de Atenas. Não sabemos se Chandigarh, capital artificial do Punjab na Índia, projetada por Le Corbusier, seguiu quando construída, tão rigorosamente as idéias da Carta. Corbusier definiu o seu plano urbanístico em 1950 e logrou construir alguns prédios. A cidade foi edificada entre 1951 e 1965. Em Brasília, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e suas equipes planejaram e orientaram a construção de uma cidade, entre 1956 e 1960, de acordo com os cânones da moderna arquitetura. Todavia, a aplicação prática dos princípios enfrentaram problemas e geraram mudanças.

No texto de seu Relatório, Lúcio Costa imaginou uma cidade capaz de "dosar" a "gradação social" de seus moradores, que seria feita com a divisão do destino de ocupação social das quadras residenciais previstas em seu projeto. Ele acreditava que o "agenciamento urbanístico" fosse capaz de garantir o "conforto social a que todos têm direito". Propôs a proibição da "enquistação de favelas tanto na periferia urbana, quanto na rural". Pensava que caberia à Novacap prover "acomodações decentes e econômicas" para a totalidade da população. Admitia a construção de "casas avulsas isoladas de alto padrão arquitetônico" separadas por um "afastamento mínimo de um quilômetro de casa a casa", para acentuar as exceções desta proposta frente ao conjunto de seu plano de trabalho.

É ingênuo pensar que Lúcio Costa tenha desenhado uma cidade abstraído os problemas da realidade brasileira. A sociologia da sua proposta brasileira. Todavia, é inegável a presença de componentes utópicos em seu discurso. Homem ilustrado, informado dos problemas de seu tempo e de imensa sensibilidade artística, fez um projeto que mantinha presente o desejo de viver uma sociedade mais fraterna, o de contribuir com a arte e a técnica para o progresso dos pobres e humilhados e, promover, ao mesmo tempo, o refinamento das elites. Uma equação de difícil resposta, num país herdeiro de um passado escravista.

Sob o ponto de vista técnico, Lúcio Costa propôs uma cidade concebida pelo cruzamento de dois eixos: o monumental e o rodoviário-residencial (as asas sul e norte). Uma cruz estilizada, onde as "asas" seguiam o desenho do lago previsto anteriormente e o eixo monumental atravessando o rodoviário no sentido leste/oeste. O cruzamento entre ambos ficou reservado para a estação rodoviária, uma obra monumental, próxima aos setores destinados aos bancos, às diversões — cinemas e teatros — e ao comércio.

O texto de seu relatório é repleto de alusões a soluções urbanísticas consagradas na Europa e nos EUA. São citados: o "Mall" londrino, quando há referência ao gramado da Esplanada dos Ministérios, o "Picadilly Circus" de Londres, a "Times Square" nova-iorquina e o "Champs Elysées" parisiense, quando da referência ao setor de diversões; as vielas venezianas, no mesmo local; as "lápides singelas, à maneira inglesa", para o cemitério; o "Yatch Club" e o "Clube de Golf"

britânicos, à beira do lago; os "magazines" franceses, na concepção dos maiores estabelecimentos comerciais previstos; etc. Versailles e Washington não foram mencionadas. Quando concebeu Brasília, no pensamento do arquiteto estava tudo aquilo que ele viu e amou pelo mundo afora.

Lúcio Costa viveu parte da infância e adolescência na Europa e viajou algumas vezes para lá depois de adulto. Em 1938, foi com Niemeyer a Nova Iorque para projetar o Pavilhão Brasileiro na Feira Internacional de 1939. Nos anos cinquenta, esteve na URSS, a serviço do MRE, colaborando na instalação da embaixada brasileira em Moscou. Participou em congressos e elaborou projetos na França, na Itália, nos EUA, no Egito e no Líbano, na mesma década. Passou três meses nos Estados Unidos, visitando Nova Iorque e Washington, pouco antes do concurso do Plano Piloto. (84)

Poderia alguém estar mais sintonizado com o "estilo internacional" no Brasil da época? Lúcio Costa concebeu Brasília a partir de uma experiência acumulada no Brasil e no exterior. O projeto do Plano Piloto representou a maturidade de sua arquitetura. Um exemplo muito significativo de sua proposta é a solução dada para o espaço destinado aos principais prédios governamentais.

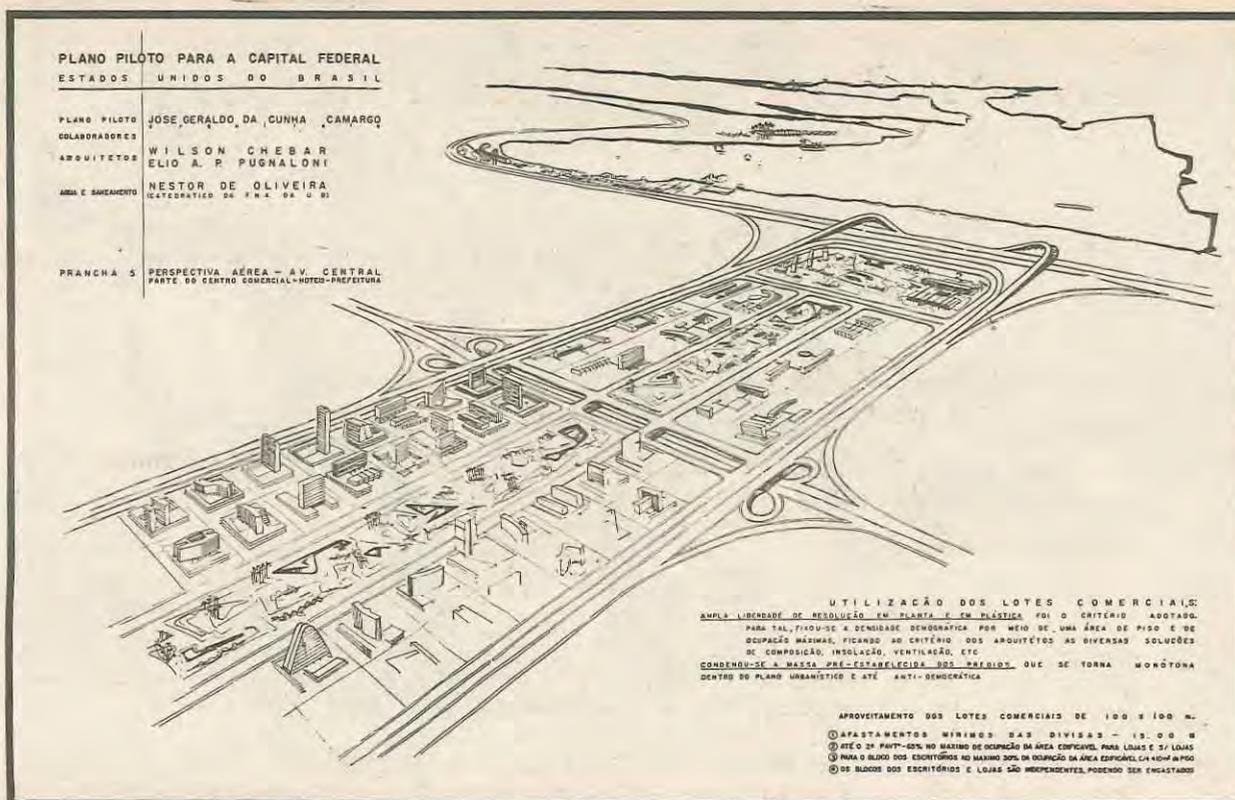
A extremidade leste do Eixo Monumental destinou-se à Praça dos Três Poderes, um conjunto arquitetônico projetado, posteriormente, por Niemeyer, compreendendo o Congresso, o Palácio dos Despachos, um espelho d'água, uma ampla praça aberta e o Supremo Tribunal Federal. A concepção dos terraços deste conjunto foi na definição de seu autor:

"O cruzamento de dois eixos octogonais muito semelhantes... em termos de aproveitar esta terra e criar... Primeiro já tem a plataforma dessa maneira... do chão... depois cinco metros mais abaixo, triangular, equilátero, portanto... simbolizava... sendo um triângulo equilátero, você tem o Congresso, o Governo, o Supremo, né. Agora, esses triângulos, cerrados no chão, cinco metros mais altos eram para ficar bem definidos, bem definidos.

E era um triângulo então tratado com muito apuro... para contrastar com o cerrado, que era um terreno, era aqueles terrenos para a massa da população, né? Ainda primário, e tal e a intenção de Versailles, digamos, aquilo muito nitido, aquele espelho d'água, aquele fórum de palmeiras, compreende? De modo que isso era como se fosse oferecendo a democracia, compreende... Fosse de modo que a esplanada funcionava como um braço estendido (...) oferecendo os Três Poderes ao povo". (85)

Uma elevada dose de ingenuidade política, muito romantismo, como hoje admite Lúcio Costa e, sobretudo, a poesia de formas arquitetônicas de rara beleza plástica. Pode-se perguntar se refletiam os nossos problemas ou se eram fruto de um fetiche, de um processo de alienação cultural?

A extremidade oeste do mesmo eixo ficou destinada à estação



Perspectiva aérea - avenida central.
Aerial perspective - central avenue.

ferroviária, próxima ao setor de abastecimento e indústrias. Na direção leste, partindo da mesma extremidade foi estabelecida para os quartéis, o conjunto de edifícios municipais, a torre de televisão e rádio, e o setor destinado aos hotéis.

Os bairros residenciais foram localizados nas asas, longe do lago e dentro da concepção inovadora das quadras — as unidades de vizinhança de Le Corbusier ou, usando uma imagem remota, os falanstérios de Fourier —, também denominadas superquadras.

Construções verticais, de possivelmente 6 andares (este gabarito foi o adotado), sobre pilotis, levantadas de modo geométrico e em locais arborizados. Foi prevista a facilidade de acesso a escolas, ao pequeno comércio, etc.

Lúcio Costa previu uma rígida separação das vias usadas por pedestres e por automóveis. Acreditava que os carros poderiam ser domesticados e deixarem de ser "inimigo(s) inconciliável(is) do homem". Por isto, projetou vias sem cruzamentos e um sistema de circulação que permitisse a convivência de ambos.

Internacionalmente, a década de 1950 foi um momento de apogeu desta forma de transporte individual. Ainda não era comum a preocupação com poluição atmosférica e com elevados índices de acidentes. A indústria automobilística chegava ao Brasil, junto com a construção de Brasília.

Este era o plano! (87) O fundamental do mesmo foi construído. Contudo, várias alterações tiveram que ser feitas na passagem da prancheta para a realidade das obras. Com o passar do tempo, Brasília adaptou-se às características de sua população e o intenso jogo de interesses e poder próprios de uma capital. Foram alteradas algumas de suas prerrogativas e destinados novos usos aos espaços definidos por Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e suas equipes.

O planejamento e o desenvolvimento do projeto foram

resultados de um trabalho de equipe. Lúcio Costa dirigiu os arquitetos voltados para o desenvolvimento do seu projeto urbanístico. Oscar Niemeyer fez o mesmo para os referentes à construção dos conjuntos arquitetônicos, previstos no Plano Piloto. O vencedor do concurso foi contratado pela Novacap e escolheu pessoalmente os seus colaboradores.

Niemeyer contou com Joaquim Cardozo (1897-1978) (89) e um pequeno grupo de auxiliares, para que fossem feitos os cálculos de engenharia que viabilizariam a arquitetura de Brasília. Alguns artistas, em especial — Alfredo Ceschiatti (1918-1989), Athos Bulcão e Bruno Giorgi — criaram peças integradas na arquitetura da cidade. Em 1957, Lúcio Costa tinha 55 anos e Oscar Niemeyer completou 50. Os auxiliares de ambos eram jovens. Destes, o mais velho e experiente era Augusto Guimarães Filho, nascido em 1917. Os demais tinham entre 23 e pouco mais de 30 anos, por volta de 1957. (90)

Lúcio Costa, antes da inauguração, expressou a harmonia de seu projeto urbanístico com a arquitetura de Niemeyer. "El monumento, en el caso de una capital, no es un agragado que se pueda dejar para después, como en las pequeñas ciudades modernas inglesas. El monumento allí es la propia esencia y, ao contrario de la ciudad ajena que se desea inscrita discretamente en el paisaje, la ciudad-capital debe imponerse y comandarla. Es lo que ocurre em Brasília. Gracias a Oscar Niemeyer, la construcción de un simples edificio — el Palacio de la Alborada —, casa grande, con terraza corrida y capilla anexa, tomó cuenta del lugar y le marcó, desde el inicio, el tonus: ciudad moderna, dirigida hacia el futuro, pero con raíces tradicionales". (91)

Lúcio e a sua geração acreditavam que haviam conseguido realizar um sonho que renunciaria um reino de felicidade para o país. No nosso entender, restou deste sonho a

comprovação de nossa capacidade de produzir obras de arte significativas e duradouras, apesar das dificuldades sócio-econômicas e políticas que quase sempre rondaram a nossa história.

Brasília foi construída por miseráveis e analfabetos. Foi imaginada, projetada e defendida como solução redentora por aqueles que representavam o que havia de intelectualmente mais avançado no país. Do ponto de vista técnico e artístico, estes profissionais desejavam viver numa sociedade mais fraterna. Ligavam o projeto à idéia de um futuro de progresso social e não apenas econômico. Um enigma a ser decifrado. A nova capital foi construída como uma esfinge, depositária de segredos, nem sempre compreendidos pelos seus próprios idealizadores e construtores.

O cineasta Joaquim Pedro (92) produziu um dos mais inspirados registros sobre Brasília. Trata-se do curta-metragem Brasília: contradições de uma cidade nova, concluído em 1967, e financiado pela Olivetti do Brasil. A narração é de Ferreira Gullar e conta com a participação de Jean-Claude Bernardet. O argumento e o texto foram baseados no relatório justificativo de Lúcio Costa e em outros escritos do arquiteto. As imagens mostram uma cidade ainda não completamente concluída e já imersa em problemas políticos e sociais. O cineasta confrontou o que chamou de diferença entre a "concepção do arquiteto e o gosto do morador", demonstrando as mudanças que se processaram após a inauguração. Destacou, através de entrevistas e imagens, os problemas da população trabalhadora no novo Distrito Federal.

A cidade que vemos nesta película, censurada por vários anos, já havia deixado de ser um sonho e se incorporara ao cotidiano urbano brasileiro. As adaptações no uso dos prédios e do traçado urbanístico feitas pelos moradores — em sua maioria provenientes do interior do país — são, inteligentemente

mostradas pelo cineasta. O contraste entre o Plano Piloto e as cidades satélites, na verdade cidades-dormitórios, foi captado pelo filme com riqueza de imagens e de entrevistas com som direto. De certo modo, este trabalho contém a perspectiva dos mais jovens representantes da geração de 45, aproximando-se dos acontecimentos que criariam a geração de 68. Forjava-se a troca de utopias desgastadas pelas mudanças políticas, ocorridas depois de 1964, por novas esperanças, diferentes, porém, igualmente utópicas. Construiu-se uma cidade baseada numa avançada concepção urbanística. Entretanto, o locus do empreendimento era o interior de um imenso país continental, caracterizado muito mais por sua experiência agrária do que urbana. Logo se viram os efeitos. O arquiteto Jayme Zettel, que trabalhou na equipe de Lúcio Costa e permaneceu em Brasília nos primeiros anos após a inauguração, registrou a sua perplexidade:

"O erro foi a gente imaginar que você tava fazendo uma cidade por como se fosse... Que até a apresentação — é muito engraçado — é como se fosse Londres, né? Uma coisa bonita, no desenho... (..)

A gente achava isso já de saída, que você ia ter um lugar... um bar, que foi montado, sabe? Não era nada disso né? Na verdade era uma coisa de "pe sujo" mesmo, entende? E com os hábitos, isso... me chocaram... Quer dizer, na verdade onde havia... A dificuldade de aceitação, foi você ser invadido por gente que você não... que você não tinha a menor idéia que existia no mundo. A verdade é essa, né? Quer dizer, esse Goiás, esse Nordeste que desceu para fazer Brasília, a gente não tinha idéia... Quer dizer, essa... mescla que virou Brasília foi uma coisa fundamental mesmo, né? Acho... a gente pode reclamar o quizer da, da cidade, mas ela deu, né? É... hoje... acho que ninguém mais hoje duvida mais disso". (93)

Brasília foi concebida a partir da experiência carioca e de suas vinculações com o mundo. Os intelectuais do Rio de Janeiro, velha Corte e capital centenária, não compreendiam bem as imensas diversidades do Brasil. Provinham de uma tradição universalista e tinham dificuldades para perceber que uma nova capital "plantada" no interior teria traços provincianos, por mais avançada que fosse a sua concepção. É mais fácil projetar cidades monumentais do que modificar mentalidades arraigadas, eivadas em sociedades tradicionais. De acordo com Umberto Eco, que visitou Brasília em 1966, ela:

"Teria sido uma cidade do futuro se tivesse sido construída sobre rodas, ou com elementos pré-fabricados e desmontáveis, ou ainda segundo formas e orientações suficientemente dúcteis para poderem assumir significados diferentes conforme a situação: foi, ao contrário, construída como um monumento mais perene do que o bronze e está sofrendo lentamente a sorte dos grandes monumentos do passado, que a história preencherá de outros sentidos, e que serão modificados pelos eventos".

Pelos jornais, a crítica e a defesa de uma nova cidade

Até hoje, jornais do Rio e São Paulo criticam Brasília, mas na época da construção os ataques ao projeto de JK foram os maiores já recebidos por uma obra pública em toda a história do Brasil. À medida, porém, que a cidade ia tomando forma, sua beleza ganhava defensores, que viam nela o Brasil do futuro. Foi uma dura batalha travada por Juscelino contra adversários como Lacerda, Eugênio Gudin e muitos outros.

Possivelmente, a construção de Brasília foi a obra pública mais criticada de toda a história do Brasil. Mesmo antes do início das obras até os dias de hoje, este empreendimento governamental recebeu muito mais ataques do que elogios. A construção foi cercada por um ataque furioso dos que detestavam a idéia da transferência, eram inimigos do governo de Juscelino, criticavam os elevados gastos, tinham reservas contra a funcionalidade, racionalidade, oportunidade e valor estético do projeto ou, simplesmente, achavam estranho um presidente liberal encarregar uma grande obra a arquitetos, em sua maioria, de esquerda. Poucos eram favoráveis. Porém, queriam que o projeto fosse realizado sem pressa, num espaço de tempo de dez a 25 anos. Os reais motivos de várias críticas de época nem sempre eram confessáveis e muitas vezes não passavam de banalidades sem fundamento. O principal veículo de comunicação utilizado para a crítica foi a imprensa.

A decisão de Juscelino Kubitschek recebida num primeiro momento com ceticismo. Alguns jornais o acusaram de aventureirismo e duvidaram da possibilidade de se construir uma nova capital. A oposição ao governo expressa por inúmeros jornais dizia, por exemplo, que, "apesar dos projetos e do interesse de JK em arranjar novos campos para os seus vôos constantes, tudo está a indicar que a capital do Brasil, durante muito tempo, ainda continuará onde está". (95).

Outros faziam profecias. O "maior perigo de Brasília" seria "a ausência de opinião pública" e que os governos, "sem vigilância, ou apenas vigiados de longe" iriam "pensar de preferência em si mesmos". (96) O editorial de um jornal carioca acusou o Presidente de querer "transformar-se num faraózinho" num "País de felás" e previu que Brasília seria o "seu túmulo". (97) A questão da distância, dos enormes custos, da oportunidade, da viabilidade, etc., foram levantadas inúmeras vezes por jornais e pessoas das mais diversas tendências.

No Rio de Janeiro, os principais ataques eram feitos através dos jornais O Globo, Correio da Manhã e Tribuna da Imprensa, conhecidos por defenderem opiniões conservadoras. Outros órgãos da capital e de outras cidades repetiram, com variações mínimas, os mesmos procedimentos. Eugênio Gudin (1886-1986) compareceu inúmeras vezes na imprensa para criticar os gastos do empreendimento. Para o economista, Brasília era um "desperdício", "um crime contra a economia nacional". (99) Gustavo Corção (100) (1896-1978) notabilizou-se por ataques ferozes, no melhor estilo inquisitorial, reproduzidos em vários jornais, em sua maioria, da rede dos Diários Associados. Dizia, por exemplo que "o Brasil precisa sustentar as loucuras de Brasília, precisa sustentar a corrupção, a preguiça e todos os muitos vícios de uns poucos. Trabalhem, trabalhem..." (101)

Carlos Lacerda (1914-1977) usou e abusou da crítica, especialmente através de seu Jornal — Tribuna da Imprensa. O líder udenista atacava JK, criticando sistematicamente a sua meta-síntese. Num de seus inúmeros textos, afirmou que: "Com

salteadores que, sob a chefia do Sr. Juscelino Kubitschek, saqueiam o Brasil, podem mudar a capital para a ilha Fernando de Noronha ou para a gruta de Maquiné, o resultado será o mesmo — só que um pouco mais caro, pois quando os ladrões se mudam, não fazem economia." (103)

Tenório Cavalcanti (1906-1987), proprietário do pasquim Luta Democrática e cacique do município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, procedeu de igual modo. O cronista Rubem Braga escreveu inúmeras peças acusatórias contra Brasília. O engenheiro Mauricio Joppert da Silva (104) (1890-1986) assinou diversos artigos em O Globo e no Jornal do Brasil, onde dizia que, tecnicamente, o projeto era inviável, o lago não permaneceria cheio, etc. Os debates sobre o assunto no Congresso eram amplamente noticiados pelos jornais de oposição. Inclusive, há registros de casos de censura governamental ao recém-criado noticiário televisivo e a divulgação de ingênuas composições musicais de protesto contra a transferência da capital.

Em outubro de 1958, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro instalou-se o "Seminário Internacional de Arquitetos", promovido pela Unesco, o IAB, o Instituto Brasil-Estados Unidos e a Novacap. O resultado do concurso de 1957 foi reexaminado. Alguns dos representantes brasileiros e estrangeiros criticaram o projeto vencedor por não atentar para a necessidade de um "plano regional" que acompanhasse a construção da nova capital no Planalto Central. (105) Ao que parece, este evento foi realizado para dar voz aos derrotados do concurso do ano anterior. A maior parte dos representantes estrangeiros aprovaram o que viram em Brasília. (106)

O auge das críticas ocorreu em 1958 e coincidiu com as importantes eleições parlamentares daquele ano. A partir de 1959, quando as obras estavam bastante adiantadas, os argumentos dos contrários mudaram de tom. Passou-se a propor a paralisação das obras e o adiamento da data de inauguração. Os órgãos comprometidos com a oposição começaram a admitir que a cidade existia, porém, diziam que estava incompleta e era inabitável. Várias reportagens exibiam fotografias tiradas estrategicamente do cerrado como, por exemplo, a do prédio do Congresso ao fundo, contendo a seguinte legenda: "dentro do mato". (107)

Durante a construção, a imprensa

também publicou inúmeras reportagens, editoriais e artigos em defesa do projeto Brasília. Estes são encontrados em maior quantidade em jornais de fora do Rio de Janeiro. Os periódicos de Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Goiás, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Ceará, etc., raramente se postaram contra o empreendimento. O centro das críticas era a velha capital. A defesa do resto do País. Obviamente, também são encontráveis matérias favoráveis em jornais cariocas. Os que faziam a defesa reproduziam os argumentos governamentais. Vejam-se, por exemplo, as opiniões do coronel Carlos Meira Mattos. (108) *A idéia da interiorização de nossa capital da República, se não pudesse ser defendida por argumentos irrefutáveis, de índole geopolítica e geoeconômica, assim mesmo teria a seu favor a força de representar a continuidade de uma aspiração nacional realmente impressionante.* (109)

Intelectuais consagrados apareceram na imprensa em defesa do projeto de JK. Observo-se a opinião do romancista José Lins do Rego (1901-1957): "Ora não é somente pela estratégia militar que nos conduzimos a tentar uma nova capital para o Brasil. Há positivas razões econômicas que nos levam à iniciativa arrojada. O Brasil não será uma grande nação se permanecer à beira do mar, indiferente a regiões que lhe poderão trazer recursos fabulosos. A procura do centro é um caminho de salvação." (110)

No Rio de Janeiro, o principal jornal a publicar matérias favoráveis era o Última Hora, alinhado ao governo, ou melhor, a quase todos os governos, entre 1950 e 1964. A Gazeta de Notícias, o Jornal do Comércio e o Diário Carioca também publicavam, regularmente, artigos de igual teor. Danton Jobim (1906-1978) e Adalgiza Nery (1905-1980), importantes jornalistas e políticos cariocas, escreveram vários artigos em defesa do projeto na imprensa da velha capital. O jornal A Marcha divulgava artigos laudatórios de Plínio Salgado (1895-1975). (111) Gustavo Barroso (1888-1959) também o apoiou. (112)

Juscelino Kubitschek deu inúmeras entrevistas defendendo, enfaticamente, o seu projeto. Afirmou várias vezes que: apenas "uma revolução poderá parar Brasília", construiria a cidade "a qualquer preço"; "a capital desejada não é inflacionária"; "na batalha contra o subdesenvolvimento, Brasília não é uma cidade é uma trincheira"; "se Brasília

foi uma imprudência, viva a imprudência!", dentre outras afirmações bombásticas. (113)

Entre 1957 e 1963, a Novacap publicou 81 números de uma revista mensal. Nela, eram feitas a propaganda do empreendimento e o registro de fatos, de opiniões e de realizações. (114)

Brasília foi continuamente visitada durante a construção por personalidades brasileiras e estrangeiras. As visitas, quase sempre, eram custeadas pelo erário público e serviam para provocar sucessivos depoimentos favoráveis. O rádio, a imprensa escrita e os jornais para o cinema eram, na época, os principais veículos. Em estado de implantação, a televisão atingia um número ainda pequeno de pessoas e estava restrita ao Rio de Janeiro e São Paulo. Os visitantes e suas opiniões ganhavam as manchetes e serviam de propaganda para o governo. As visitas de autoridades estrangeiras tinham, também, o propósito diplomático.

A Presidência da República, a Novacap e o Ministério das Relações Exteriores (MRE) conseguiram levar a Brasília, governantes, políticos e diplomatas influentes. Alguns exemplos: Ellis O. Briggs, embaixador dos EUA, esteve em Brasília em 26 e 27 de fevereiro de 1957. No dia 2 de abril do mesmo ano, acompanharam JK os embaixadores da França e de Portugal. Alfredo Stroessner, ditador paraguaio, em 2 de maio de 1957. No mesmo dia, recebeu-se a visita do general Craveiro Lopes de Portugal. O prefeito de Nova Iorque, Robert Wagner, em 17 de novembro de 1957. O nuncio apostólico, dom Armando Lombardo, acompanhado do monsenhor Carmine Rocco, no dia 17 de maio de 1958. Ramon Villeda Morales, presidente de Honduras, em 9 de junho do mesmo ano. O príncipe Mikasa do Japão, em 14 de junho. Robert Arias, embaixador de Honduras em Londres, acompanhado de sua esposa, a bailarina Margot Fonteyn, em 8 de julho. John Foster Dulles, secretário de Estado dos EUA, em 6 de agosto. Louis Jacquinot, ministro francês, em 23 do mesmo mês. Giovanni Gronchi, presidente italiano, em 8 de setembro. O príncipe Bernhard da Holanda, em 20 de fevereiro de 1959. Arne Skaug, ministro do Comércio da Noruega, em 1 de março. A duquesa de Kent da Inglaterra, em 13 de março. Fidel Castro, recém-saído de Sierra Maestra, em 30 de abril. Sukarno da Indonésia, em 19 de maio. Golda Meir, ministra do exterior de Israel, em 26 de junho.

Dag Hammarskjöld, secretário-geral da ONU, em 5 de setembro. Antoine Pinay, ministro das finanças da França, em 10 de outubro. Dwight David Eisenhower, presidente dos EUA, em 23 de fevereiro de 1960. (115) A diplomacia brasileira tentou, sem sucesso, que ele viesse em 21 de abril de 1960. (116) O Brasil e Brasília despertaram interesse das mais diversas vertentes políticas e ideológicas da época. Dezenas de outras personalidades visitaram o canteiro de obras da nova capital. Vieram escritores, jornalistas, parlamentares, professores, religiosos, etc., de vários países.

O Ministro das Relações Exteriores comandou, através do seu serviço (divisão) cultural e das embaixadas e consulados, uma ofensiva diplomática em todo o mundo. Os diplomatas José Osvaldo Meira Penna e Wladimir Murtinho ocuparam, durante a construção da nova capital, a chefia do serviço citado. As delegações remetiam, regularmente, à Secretaria de Estado do ministério recortes de periódicos, alguns traduzidos, abordando o empreendimento. O exame dos mesmos demonstra que a construção de Brasília teve impacto internacional. Nunca antes o Brasil esteve tão presente na mídia internacional. Entre 1956 e 1960, a construção da nova capital foi assunto permanente na imprensa estrangeira. Quase sem exceções, o mundo saudou como positivo o empreendimento brasileiro. São inúmeros os pedidos das embaixadas de fotografias, plantas, maquetes, filmes, publicações, etc., para divulgação no exterior. (118)

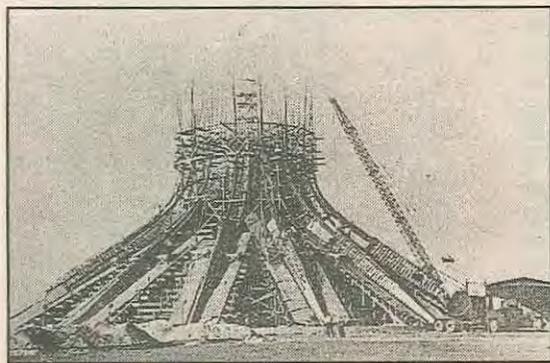
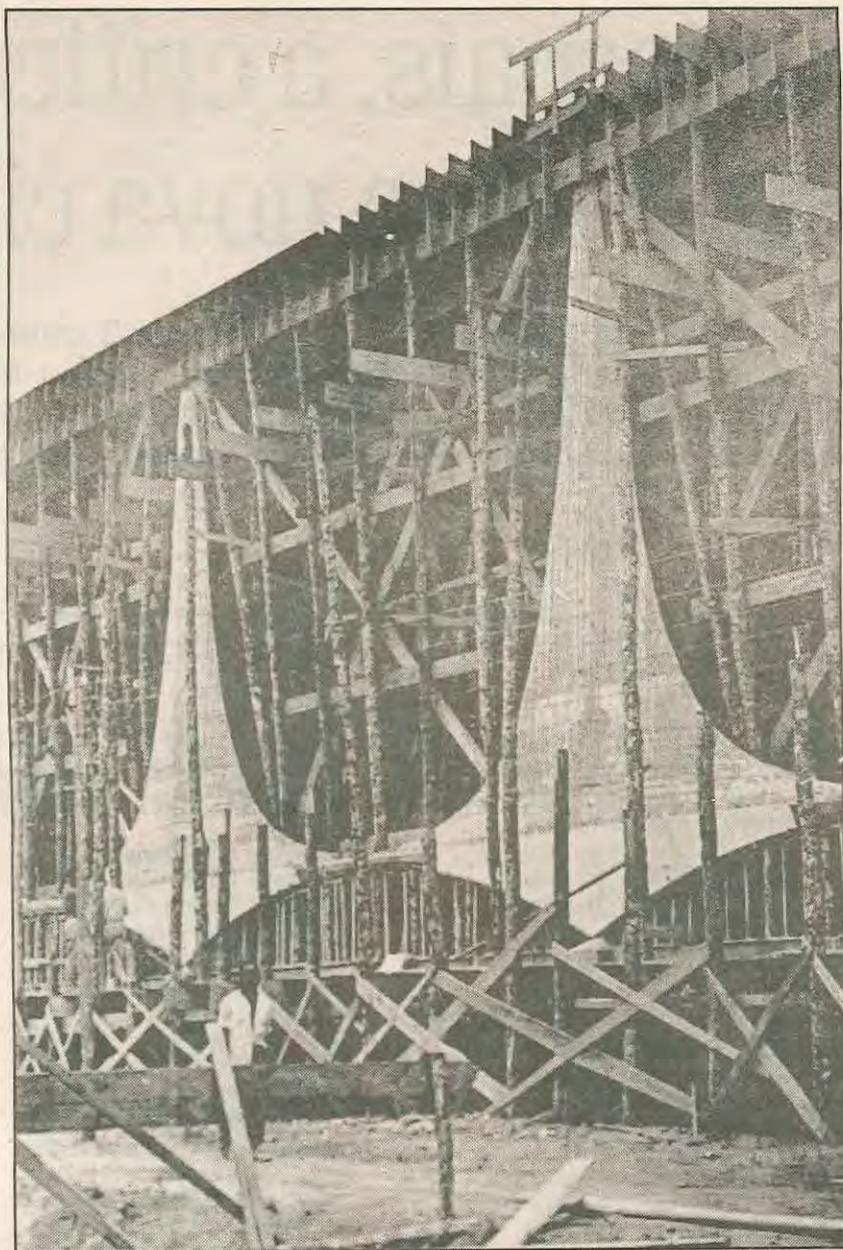
Num relatório interno do MRE, afirmou-se que: "graças a Brasília, transformada numa espécie de vedete internacional, o nosso País está pela primeira vez merecendo da opinião pública estrangeira a atenção curiosa e favorável a que faz jus. A nossa cultura, atingindo a maturidade, se revela através do empreendimento da construção da nova capital, expressão deste momento histórico de nossa formação nacional, que repercute no exterior como um acontecimento de valor universal." (119)

A divisão cultural prestou contas, no mesmo documento, dos seus esforços. Foram elaborados e publicados na Suíça cerca de 50 mil exemplares de um folheto contendo o "Relatório Justificativo do Plano Piloto", de autoria de Lúcio Costa; um artigo de Niemeyer intitulado, "Testemunho"; outro do MRE, historiando o Projeto Brasília. O mesmo

órgão distribuiu milhares de fotografias e facilitou a vinda de fotógrafos de fama mundial para registrar imagens das obras. Dentre eles: Marcel Gautherot, francês radicado no Brasil, ligado a Oscar Niemeyer; Michael Friedel e Otl Eicher, alemães; Fulvio Roiter, italiano; John e Binie Moss, ingleses. A mesma divisão patrocinou versões em inglês, francês e espanhol de filmes documentários sobre o projeto Brasília, divulgados em vários países. O relatório cita três casos: "Primeiras Imagens de Brasília" de autoria de Jean Mazon; "Brasília" da P.P.P.; "Brasília" de PRO-CINE, empresa de Ruy Pereira da Silva. Organizou, ainda, grandes exposições no exterior entre 1957 e 1959. Uma delas, mostrada em Paris, na sede da Unesco, em novembro de 1958, foi específica sobre Brasília. A organização coube a Arthur Lício Pontual. O material era, em parte, oriundo do stand brasileiro na Exposição Internacional de Bruxelas, realizada no mesmo ano. Na inauguração, estiveram presentes. Le Corbusier, Gropius, Marcel Breuer e Philip Johnson. O evento aproveitou a oportunidade da Conferência Geral do órgão da ONU, que teve representantes de 80 países. Outra exposição, a maior em volume de peças, foi mostrada em quatro capitais latino-americanas, Buenos Aires, Montevideu, México e Havana. Só a de Buenos Aires, recebeu 20.000 visitantes. Uma, de menor escala, foi enviada ao Japão e a outros países asiáticos. As exposições citadas foram exibidas em diversos países pelo mundo afora. O relatório indica, ainda, a iniciativa do MRE em convidar intelectuais estrangeiros para visitarem as obras de Brasília, citando, dentre outros, André Malraux, Aldous Huxley, John dos Passos e Lin Yutang. Dá destaque especial à repercussão da visita do francês, que qualificou Brasília como "primeira capital da nova civilização" e "capital da esperança". (121)

Vários programas radiofônicos e conferências foram organizadas para esclarecer ao mundo o que ocorria no Brasil. Havia verbas destinadas a este fim nas mais importantes representações diplomáticas do país. A arquitetura brasileira transformou-se em assunto internacional. As embaixadas intermediavam as visitas ao exterior de arquitetos e outros profissionais, chamados para explicar Brasília. Lúcio Costa foi convidado para participar de uma conferência da Sociedade Americana de Urbanistas, que ocorreu em Washington, em 18 de maio de 1958. Meira Penna encaminhou ofício solicitando auxílio financeiro para a realização da viagem. No dia 8 de dezembro de 1959, Sir William Holford pronunciou uma conferência no Royal Institute of British Architects, ilustrada por slides. A embaixada brasileira em Londres avaliou a presença de 500 pessoas. (122)

Ao longo de 1959, o MRE e a Novacap prepararam um encontro internacional para discussão sobre o projeto Brasília. Tratava-se de uma oportunidade ímpar para divulgá-lo em todo o mundo. A seção brasileira da Associação Internacional dos Críticos de Arte (Aica) organizou um congresso com a participação de inúmeros intelectuais que visitariam e comentariam o empreendimento. Oscar Niemeyer, Lúcio Costa



ta, Joaquim Cardozo, dentre outros, foram fomentadores da idéia, prontamente aceita por Juscelino Kubitschek, que deu o apoio governamental necessário.

A Panair do Brasil, o Museu de Arte Moderna paulista, além de outras empresas e instituições, foram acionadas para viabilizarem o evento, que coincidiu com a realização da V Bienal de São Paulo. O acontecimento foi marcado para o período compreendido entre 16 e 24 de setem-

Em ritmo de Brasília, a construção de Planalto e da Catedral. Oscar Niemeyer e Lúcio Costa conversam sobre os projetos

bro. (123) A estrela mais aguardada era André Malraux e esperava-se a vinda dos principais líderes do modernismo arquitetônico, inclusive Le Corbusier, o que não ocorreu. (124)

No dia 16 de setembro, chegaram ao Rio de Janeiro 45 críticos de arte procedentes da Europa e dos EUA, vindos num DC-7C da Panair. Outras delegações já haviam chegado. O calendário do evento previa visitas e reuniões em Brasília nos dias 17,

18 e 19; a participação na abertura da Bienal paulista, nos dias 20 e 21, e o fechamento do encontro, no Rio, nos dias 22, 23 e 24. (125) Participaram cerca de 100 congressistas nacionais e estrangeiros. Os estrangeiros vieram de países europeus, dos EUA e até mesmo da Turquia, Ceilão, etc. Dois Constellations da Panair os levaram para Brasília. (126) Juscelino Kubitschek abriu o evento com um discurso típico de seu estilo. Era um momento de apoteose. (127)

A maior parte dos participantes rendeu-se à beleza da arquitetura e aceitou, sem reservas, a concepção urbanística. JK foi nomeado presidente de honra. Formou-se uma comissão, também de honra, composta por Horácio Lafer e Clóvis Salgado, ministros de JK; Carvalho Pinto, governador paulista; Rodrigo Mello Franco de Andrade, do Serviço do Patrimônio Histórico Nacional; Sá Freire Alvim, prefeito do Distrito Federal; Lúcio Costa; Oscar Niemeyer, Pedro Calmon, reitor da Universidade do Brasil; Edgard Santos, reitor da Universidade da Bahia; Niomar Muniz Sodré, diretora do MAM carioca; Francisco Matarazzo Sobrinho, presidente do Masp; Ademar de Barros, prefeito paulista; Ary Garcia Roza, do IAB; Isaac F. Lerner. Mário Pedrosa foi o secretário-geral do evento e o diplomata José Osvaldo Meira Penna, o seu adjunto. Vários outros intelectuais participaram das comissões de organização. Dentre eles: Mário Barata, Ferreira Gullar, Sérgio Milliet e Cláudio Abramo. Foram formadas três comissões estrangeiras: a européia, a asiática e a norte-americana. (128) Estiveram presentes William Holford e Stamo Papadaki, como membros das delegações de seus países de origem. Ao que parece, numa estrutura montada desta forma, tudo estava preparado para um sucesso retumbante. Todavia, algumas críticas foram registradas, em contrastes com o otimismo da maioria.

A mais significativa e embaraçosa crítica feita ao projeto, durante o ufanismo do Congresso, foi a de Bruno Zevi. (130) Segundo as suas indagações e dúvidas: "quanto ao Plano Piloto de Brasília é ele aberto ou fechado? Ou terá ele as inconveniências de ambos os métodos? Não podemos pré-fabricar uma cidade e depois adaptar o povo a ela. O Plano Piloto deve orientar e liderar o desenvolvimento de uma cidade, enquanto o centro "monumental" de Brasília sufoca a vitalidade da cidade. É uma cidade de Kafka.

Quanto à arquitetura, é monumental em um sentido negativo, porquanto na sua maioria, foi concebida nos moldes da perspectiva da Renascença, contrária à concepção de tempo e de espaço. Fachadas com estruturas que parecem formas livres e vice-versa". (131)

Zevi foi o único a ter muitas reservas em relação ao projeto. Assumiu uma opinião crítica frente aos demais membros da Aica e a outros intelectuais presentes no conclave, que, em sua maioria, elogiaram Brasília e os seus responsáveis. Gilo Dorfles, também vindo da Itália, afirmou que "a leveza (souplesse) da planificação urbanística de Lúcio Costa torna possível — a meu ver — a aparência de uma verdadeira cidade do futuro". (132). Europeus, norte-americanos, latino-americanos e

asiáticos celebraram Brasília como um marco da aventura da modernidade arquitetônica mundial.

Bruno Zevi continuou a criticar o projeto, quase que isoladamente. Numa palestra proferida na Faculdade Nacional de Arquitetura, no Rio de Janeiro, afirmou que: "Uma cidade de burocratas Brasília; apenas, o que foge ao propósito de fazer a centro e esperança das regiões centro-oeste, norte e nordeste.

Atrofiar-se como organismo humano artificial dos homens nele enquadrados, de rigor militar incompatível com a democracia, podendo mais tarde servir como cidade-museu, uma nova Ravena.

Torna-se uma cidade viva, com a quebra do Plano Piloto, o que é mais provável, tendo em vista as cidades-satélites, portanto crescer desordenadamente.

A arquitetura monumental é contrária ao espírito moderno, é cópia do passado, descuidado da escala humana. Em Brasília, as soluções interiores são pouco cuidadas, desdenha-se mesmo em favor do escultório e algumas vezes em troca nada como nos edifícios de residência dos funcionários dos Institutos.

Brasília não atende às exigências urbanísticas, arquitetônicas e sociais, a que devia se propor". (133)

O exame das opiniões do professor italiano indicam que ele não estava sintonizado com a ideologia do modernismo, pelo menos da forma como é exposta na Carta de Atenas. De qualquer modo, suas opiniões e profecias tentaram uma análise mais objetiva do projeto. O seu isolamento frente à paixão dos demais prejudicou uma abordagem mais profunda. Todavia, restou para o presente uma descrição realista do que um crítico independente sentiu ao enfrentar o problema. Merece atenção e respeito a sua coragem de defender idéias iconoclastas para época, lugar e momento em que foram proferidas.

Afora às opiniões do crítico italiano, a imprensa pinçou algumas objeções, num universo de louvação. Registrou-se o espanto de alguns dos críticos de arte, ao visitarem um apartamento em construção na nova capital e se depararem com o quarto de empregada, medindo dois metros por dois. Rapidamente, os cicerones informaram de que se tratava da despensa... (134) Por mais que houvesse veneno na imprensa de oposição, é evidente que houve a reprodução das relações sociais da velha capital, na arquitetura e engenharia do projeto Brasília.

As críticas nativas ao projeto Brasília foram, na maioria das vezes, precárias e pueris. Chama a atenção o fato de que as críticas feitas por brasileiros tenham tido especial virulência na cidade de onde saíram as principais idéias e pessoas que planejaram a nova capital. Um projeto que guardava muito mais relação com a cultura e experiência arquitetônica carioca do que, por exemplo, com as de São Paulo e Minas Gerais. Outro fato a se destacar é a ampla aceitação internacional do projeto. São raros os casos de objeções mais profundas. Brasília atraiu a atenção do mundo sobre o Brasil. A França, mais do que qualquer outro país, a interpretou como uma extensão tropical de sua experiência modernista.

A constatação nacional a Brasília ainda é um fato...